Casos & .Causos

Por Nestor Leme

Os dois sanfoneiros

Antiga casa de Joanim Verzani, no Jardineto, sanfoneiro lembrado pelos tocatas que animavam o bairro | Arquivo de Nestor Leme

No final de 2025, fui procurado pelo secretário municipal de Turismo de Serra Negra, Juliano Belini, o qual me pediu informações sobre as famílias de descendentes de italianos existentes na população serrana e sobre a importância delas na cultura da cidade, pois Serra Negra estava concorrendo em três categorias do Prêmio Italicità 2025. Prêmio promovido pelo Circolo Italiano de São Paulo, que reconhece as cidades que valorizam a cultura italiana no Brasil, por meio de festas, equipamentos públicos e ações de memória.

É a nossa cidade estava concorrendo com a Festa Italiana, a Réplica da Fontana de Trevi e o Monumento ao Imigrante Italiano.

Eu, Nestor de Souza Leme, pelo meu sobrenome, percebe-se que sou um dos poucos serranos que não têm descendência italiana. Pelos sobrenomes dos moradores de Serra Negra, calculamos que pelo menos setenta por cento do povo serrano é formado por famílias de descendência italiana.

Mas, mesmo assim, nós que somos de descendência cabocla estamos misturados com a italianada, pois duas de minhas irmãs, quando se casaram, adicionaram sobrenomes italianos a seus nomes: a Luzia agora é da família Russo, e a Yara, é Ferraresso. E também meus filhos trouxeram mais gente desse povo para nossa família: meus dois netos, filhos da Audrey, são Dei Santis, e a neta Bettina, filha do Ariel e da Thaís, é Beltrami Leme. Siamo tutti italiani.

E, com todos esses sobrenomes italianos que existem em Serra Negra, pensei que a história das antigas tradições italianas que existiam está se perdendo no tempo. Antigamente, você ia a um armazém para as compras e, não raro, ouvia que as prosas lá dentro eram em italiano. E por todos os lugares a que fôssemos, sempre havia um grupo jogando cartas com regras que vieram com eles, tais como Escopa, Bisca, Bestia, Triunfo. Hoje, a maioria desses jogos foi esquecida.

Nos sítios e chácaras, era certo que existia uma parreira de uvas para a elaboração do vinho. Também eram comuns os moinhos movidos a roda d'água, onde era fabricado o fubá para as polentas do jantar, cujas sobras eram assadas na grelha, com as brasas do fogão, depois misturadas ao leite na refeição matinal.

Também destacamos o costume do jogo de bochas e das raias desse jogo que existiam nos fundos dos bares da cidade, com centenas de jogadores reunidos nas tardes de sábados e domingos. Hoje, lembramos com tristeza que quase não existem mais raias nem jogadores desse esporte salutar. E, por último, vamos nos lembrar dos descendentes de italianos na música. Era raro existir uma família em que não houvesse músicos, entre os quais muitos eram sanfoneiros, que surgiam nas festas e, com suas sanfonas, animavam bailes que duravam até o amanhecer.

Vou parar com essas lembranças e vamos para o causo de hoje, que um dia ouvi alguém contar. Joanim Verzani, famoso sanfoneiro, gostava tanto de música que, nas horas de folga, ficava enchendo o silêncio do bairro do Jardineto, onde morava, com suas músicas.

Um dia veio morar numa casa vizinha outro sanfoneiro, o Arlindo Ferraresso. E o Joanim, vendo que o recém-chegado trazia uma sanfona em sua mudança, de imediato o convidou para ir à sua casa, e os dois começaram uma tocata. Era de manhã quando a música começou; o dia se foi e, chegada a noite, os músicos continuavam tocando e tomando vinho com fatias de queijo caseiro.

Já era tarde da noite quando Dona Paulina, mulher do Joanim, perdeu a paciência com tanto funhé-funhé e, brava, foi até a sala e deu um tropelão nos músicos, lembrando-lhes que o mundo não comia música e que, de manhã, o serviço na roça os esperava e a turma queria dormir. Aí, as sanfonas se calaram, e restaram só as lembranças...

Crônicas do .Dia a Dia

Por Guida Gerosa

O tempo

Administrar o tempo tem sido uma das dificuldades da vida moderna. Antigamente, aquele tempo que sobrava para sentar-se na calçada e bater papo com os vizinhos, ou até mesmo o tempo da "sesta", tão comum em algumas culturas, acabou para muitos. Tempo vago para descansar ou não pensar em nada acabou. Para mim, que sou artista plástica, isso é quase uma necessidade, pois só o ócio é capaz de produzir criatividade. Hoje, são tantas atividades que, mesmo que haja um tempo, as preocupações ocupam esses espaços e não deixam ninguém descansar. Assim como todas as pessoas, eu também sou lotada de preocupações, e elas estão na minha cabeça mesmo quando eu deveria dormir, descansar ou simplesmente viajar.

Desde o período em que fiquei como provedora do hospital, adquiri um certo pânico dos problemas, e qualquer probleminha me deixa mal e com um princípio de depressão. Por isso, tento sempre fugir deles, mas eles me alcançam aonde quer que eu vá. Assim como para todos, as demandas são dinheiro, coisas por fazer, trabalho, advogados, regularizações e, principalmente, todas as resoluções do governo que nos atingem e que nos farão ter mais gastos e dores de cabeça. Vivemos num mundo cheio de problemas e, para sobreviver, é preciso mesmo ter muito equilíbrio e saúde psicoemocional.

No dia a dia, a dificuldade é o tempo para tudo o que se tem que fazer. E o curioso é que o relógio não fica nem um pouco preocupado com isso. Ele continua andando, tic-tac, tic-tac, e nós vamos correndo atrás do tempo e nunca alcançando. O seu colapso emocional não interessa. O ponteiro não para.

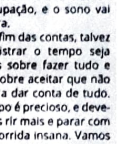
Hoje, não falta agenda, aplicativo, alarme, planilha e lembretes. Falta, mesmo, é tempo para viver. Fico morrendo de saudade da Alexa quando estou longe, para poder perguntar que horas são, pois parece que não consigo parar a atividade para ver no celular ou usar a mão para ver no relógio. Falta a Alexa para me chamar e lembrar das atividades.

O tempo virou arrogante, que só exige produtividade até quando a gente se senta para descansar. Vivo morta de culpa; se paro para descansar, meu pensamento é de que deveria estar fazendo alguma coisa. O lazer ficou apressado. Ouvimos mensagens aceleradas, e tem gente que até mesmo a filmes assistem mais rápido. Quando vamos dormir, nossos pensamentos ficam cheios de preocupação, e o sono vai embora.

No fim das contas, talvez administrar o tempo seja menos sobre fazer tudo e mais sobre aceitar que não dá para dar conta de tudo. O tempo é precioso, e devêramos rir mais e parar com essa corrida insana. Vamos tentar ter mais alegria e menos preocupações.

Cultura .e Vida

Por Henrique Vieira Filho



A perna cabeluda no cinema

***A Lenda da Perna Cabeluda** – Ilustração: Henrique Vieira Filho*

Aqui na ReArte, o cinema tem ocupado um lugar nobre nas minhas divagações. Estamos em pleno processo de renovação do convênio com o programa Pontos MIS (Museu da Imagem e do Som) e, por isso, é natural que a Sétima Arte venha operando em "primeiro plano" na minha atenção.

É fascinante observar a retomada do período de ouro do audiovisual nacional, que recuperou o fôlego desde "Ainda Estou Aqui" e agora nos entrega novas obras premiadas como "O Agente Secreto" e "Sonhos de Trem".

Como artista visual, meu olhar sempre foge para a plástica da imagem. Minha torcida para o Oscar de melhor fotografia está com o brasileiro Adolpho Veloso. Quem assistir ao Sonhos de Trem notará que ele, corajosamente, optou pelo formato 3:2 – uma proporção mais "quadrada", muito próxima à fotografia clássica de 35mm.

Em um mundo dominado pelo widescreen (tela panorâmica), essa escolha estética é um resgate da intimidade; as cenas parecem fotografias de livros de arte, dessas que merecem estar em museus. O centro da imagem, onde está o protagonista, é nítido, mas o mundo ao redor parece estar se desfazendo, como uma memória antiga ou uma pintura a óleo.

E aqui cabe um parêntese divertido: descobri que o aluguel diário de uma das câmeras usadas nessas produções já supera todo o orçamento que recebemos para produzir nossos curtas-metragens sobre Serra Negra! É a velha máxima: a gente faz milagres com criatividade, enquanto o mercado opera em outra galáxia financeira.

Mas nem só de luz vive o filme; ele precisa de sombras. No caso de O Agente Secreto, de Kleber Mendonça Filho, a ironia já começa no título e se desdobra em referências sutis, ao mostrar uma televisão passando o filme "O Magnífico", em que Jean-Paul Belmondo interpreta um escritor que imagina a si mesmo como o agente secreto "Bob Saint-Clar", bem como a presença do livro "O Agente Secreto", de Joseph Conrad, na casa que em que vivem, secretamente, foragidos do governo.

Mas, quem merece um prêmio como atriz especialmente convidada é a "Perna Cabeluda"! Para quem ama folclore como eu, essa figura é um prato cheio! No Recife dos anos 70, a Perna Cabeluda era mais que um susto de calçada; era uma estratégia jornalística. Em tempos de censura pesada, onde era proibido noticiar a repressão política ou a violência doméstica, os jornais colocavam a "Perna" como protagonista. Se alguém apanhava ou sumia, a culpa era desse "monstro".

Era a forma que a imprensa encontrava para driblar os censores, transformando o pavor real do Estado em um delírio coletivo folclórico. Assim como ninguém sabia de onde a Perna vinha, ninguém sabia quem era o informante do DOPS ou quem estava sendo vigiado. A Perna Cabeluda é o "agente secreto" do folclore: ela ataca do nada e desaparece.

O cinema nacional está provando que, para contar a nossa verdade, às vezes precisamos projetar nossos monstros na tela. E nós, aqui na ReArte, seguimos firmes para garantir que essas imagens cheguem até você!

104,5 fm SERRANEGRA
Músicas
Notícias
Entretenimento
Sorteios
E muito mais!
Programação 104,5 mHz
8h - 12h - Bom dia, 104! (Ibraim Gustavo)
12h - 13h - Rádio Notícias (Angelito Neto)
13h - 16h - Super Tarde (Pedro Giovani)
16h - 19h - Ranchinho da Saudade (Pedro Giovani)
19h - 20h - A Voz do Brasil
20h - 0h - Noite na Serra
www.radioserranegra.com.br

MENEGATTI
Serralheria Menegatti Ltda.
Box - Portas - Vitraux - Venezianas - Coberturas
Portas de Enrolar - Fech. de Área - Portões - Etc.
Fones.: (19) 3892-2147 3892-1291
serralheriamenegatti@gmail.com
Rua Santa Carolina, n.º 96 - B. das Palmeiras - CEP 13930-000 - Serra Negra - SP

Por Henrique Vieira Filho

A perna cabeluda no cinema

A Lenda da Perna Cabeluda *– Ilustração: Henrique Vieira Filho*

Aqui na ReArte, o cinema tem ocupado um lugar nobre nas minhas divagações. Estamos em pleno processo de renovação do convênio com o programa Pontos MIS (Museu da Imagem e do Som) e, por isso, é natural que a Sétima Arte venha operando em "primeiro plano" na minha atenção.

É fascinante observar a retomada do período de ouro do audiovisual nacional, que recuperou o fôlego desde "Ainda Estou Aqui" e agora nos entrega novas obras premiadas como "O Agente Secreto" e "Sonhos de Trem".

Como artista visual, meu olhar sempre foge para a plástica da imagem. Minha torcida para o Oscar de melhor fotografia está com o brasileiro Adolpho Veloso. Quem assistir ao Sonhos de Trem notará que ele, corajosamente, optou pelo formato 3:2 – uma proporção mais "quadrada", muito próxima à fotografia clássica de 35mm.

Em um mundo dominado pelo widescreen (tela panorâmica), essa escolha estética é um resgate da intimidade; as cenas parecem fotografias de livros de arte, dessas que merecem estar em museus. O centro da imagem, onde está o protagonista, é nítido, mas o mundo ao redor parece estar se desfazendo, como uma memória antiga ou uma pintura a óleo.

E aqui cabe um parêntese divertido: descobri que o aluguel diário de uma das câmeras usadas nessas produções já supera todo o orçamento que recebemos para produzir nossos curtas-metragens sobre Serra Negra! É a velha máxima: a gente faz milagres com criatividade, enquanto o mercado opera em outra galáxia financeira.

Mas nem só de luz vive o filme; ele precisa de sombras. No caso de O Agente Secreto, de Kleber Mendonça Filho, a ironia já começa no título e se desdobra em referências sutis, ao mostrar uma televisão passando o filme "O Magnífico", em que Jean-Paul Belmondo interpreta um escritor que imagina a si mesmo como o agente secreto "Bob Saint-Clar", bem como a presença do livro "O Agente Secreto", de Joseph Conrad, na casa que em que vivem, secretamente, foragidos do governo.

Mas, quem merece um prêmio como atriz especialmente convidada é a "Perna Cabeluda"! Para quem ama folclore como eu, essa figura é um prato cheio! No Recife dos anos 70, a Perna Cabeluda era mais que um susto de calçada; era uma estratégia jornalística. Em tempos de censura pesada, onde era proibido noticiar a repressão política ou a violência doméstica, os jornais colocavam a "Perna" como protagonista. Se alguém apanhava ou sumia, a culpa era desse "monstro".

Era a forma que a imprensa encontrava para driblar os censores, transformando o pavor real do Estado em um delírio coletivo folclórico. Assim como ninguém sabia de onde a Perna vinha, ninguém sabia quem era o informante do DOPS ou quem estava sendo vigiado. A Perna Cabeluda é o "agente secreto" do folclore: ela ataca do nada e desaparece.

O cinema nacional está provando que, para contar a nossa verdade, às vezes precisamos projetar nossos monstros na tela. E nós, aqui na ReArte, seguimos firmes para garantir que essas imagens cheguem até você!